

CAPÍTULO 12

Caminhos de pesquisa: relatos

Maria das Dores Frazão

<https://doi.org/10.69570/mp.978-65-84548-31-2.c12>

1. INTRODUÇÃO

Este texto apresenta um recorte do percurso da pesquisa “Memórias de Diretoras: práticas administrativas no cotidiano dos grupos escolares do Maranhão (1960-1970)”. A proposta da escrita são os caminhos teórico-metodológicos da investigação desenvolvida no âmbito do Curso de Doutorado em Educação da Universidade do Vale do Rio do Sinos – UNISINOS, na Linha de Pesquisa Educação, História e Políticas, sob a orientação da professora doutora Luciane Sgarbi S. Grazziotin.

A pesquisa teve como objetivo geral analisar o processo histórico de constituição de uma estrutura de administração escolar primária, implementada pelo advento da escola graduada, instituído por mulheres diretoras de Grupo Escolar no Maranhão, no período de 1960 a 1970.

O recorte temporal, iniciado em 1960, justifica-se pelo acesso que tive às mulheres que atuaram como diretoras nesse período, pois, para chegar ao conhecimento das práticas cotidianas, a opção foi a História Oral não *a priori*, mas seguindo a recomendação de Amado e Ferreira (2006, p. xiv), para quem “[...] o uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que, às vezes, não têm como ser entendidos ou elucidados de outra forma: são depoimentos de” pessoas, entre as quais as mulheres. O recorte finda em 1970, momento em que os Grupos Escolares são convertidos em Unidades Escolares e Centros Escolares por força do art. 3º da Lei 5.692 de 1971 (MOTTA, 2006).

A investigação desenvolveu-se nos anos de 2015 a 2018, no entanto, uma parte de sua construção nos remete a outros tempos e lugares. O interesse em estudar a mulher professora no campo educacional maranhense me acompanha desde a minha formação inicial, pois a constituição de um objeto de estudo está ligada à trajetória do(a) pesquisador(a). Nesse caso, a experiência na graduação do curso de Pedagogia, participando de atividades no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação, Mulheres e Relações de Gênero – GEMGe, grupo ligado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, permitiu a inserção nos estudos acerca da mulher professora. Inicialmente com pesquisas que levaram à elaboração de duas monografias, a primeira delas na Graduação¹⁸ e a outra no curso de Especialização¹⁹.

Posteriormente, percebi a necessidade de investigar a participação das diretoras no âmbito escolar, o que possibilitou o ingresso no Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação da UFMA, quando foi desenvolvida uma investigação acerca do empoderamento de mulheres diretoras. A pesquisa²⁰ abrangeu o período de 2007/2009, em seis escolas públicas da rede municipal de Paço do Lumiar (MA).

Pensando assim e com base nesse percurso, submeti-me ao processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISINOS, onde integrei o Grupo de Pesquisa Educação no Brasil: memória, instituições e cultura escolar (EBRAMIC)²¹. A participação no referido grupo de pesquisa e nas disciplinas levaram-me a delimitar meu tema de pesquisa. Sendo assim, retornei meu olhar para os estudos sobre a mulher no campo educacional.

Isso posto, uma das primeiras etapas do percurso teórico-metodológico foi o levantamento da produção científica acerca das mulheres diretoras. Depois, a realização das entrevistas. Pretendo discorrer sobre esses dois aspectos nas próximas seções, além de apresentar reflexões sobre a experiência dessa pesquisa.

¹⁸ Monografia intitulada “A formação continuada da professora da Escola Comunitária Pir-lim-pim-pim: um estudo de caso”, apresentada em 2005, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Dourivan Câmara.

¹⁹ Monografia intitulada “A produção monográfica acerca da pessoa mulher no Curso de Pedagogia da UFMA”, apresentada em 2009, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Diomar das Graças Motta.

²⁰ Dissertação intitulada “Em cena: empoderamento de mulheres diretoras”, defendida em 2009, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Diomar das Graças Motta.

²¹ O grupo de pesquisa intitulado Educação no Brasil: memória, instituições e cultura escolar é coordenado pela Prof.^a Dr.^a Luciane Sgarbi S. Grazziotin.

2. AS MULHERES DIRETORAS NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Para compreender as práticas administrativas das mulheres diretoras, fiz um levantamento da produção científica a fim de saber o que os estudos mostravam sobre o trabalho delas. Sob essa perspectiva, primeiro busquei a situação dos estudos no Maranhão, em seguida em âmbito regional e nacional.

Os estudos que elegem a mulher como sujeito e objeto de estudo, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMA, mostram que entre 1988 a 2014 foram defendidas 19 dissertações (MACHADO, 2015). No que concerne à História da Educação, entre 1988 a 2008 foram apresentadas 10 dissertações (CASTRO; CASTELLANOS, 2011).

Quanto à produção em história da educação das regiões Norte e Nordeste, Araújo (2005) analisou os trabalhos apresentados nos Programas de Pós-Graduação em Educação no período de 1982 a 2003. Ela constata que, dentre os objetos em ascensão, consta o acesso da mulher à instrução escolar.

Em âmbito nacional, fiz o levantamento da produção de teses, dissertações e artigos acerca da temática da pesquisa. Para isso, consultei, inicialmente o banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)²², cabe ressaltar que só estavam disponíveis trabalhos a partir do ano de 2011. A busca ocorreu em três etapas, na primeira utilizei o descritor Grupo Escolar, o qual me levou ao encontro de quatro teses e quinze dissertações. Na segunda etapa, utilizei o descritor Administração Escolar, para o qual identifiquei uma tese e três dissertações. Para o último descritor, Diretor(a), localizei duas teses e nove dissertações.

Quanto aos artigos, elegi três periódicos da área de história da educação e um de política e administração educacional, a saber: Revista Brasileira de História da Educação, Revista História da Educação, Cadernos de História da Educação, Revista Brasileira de Política e Administração da Educação. As buscas foram realizadas nos sítios das revistas, utilizando apenas o descritor Grupo Escolar para os três primeiros periódicos e os demais descritores para o último periódico. O levantamento ocorreu entre junho de 2015 e janeiro de 2016.

²² Disponível em: <http://bancodeteses.capes.gov.br/#>. Acesso em: 15 abr. 2022.

As dissertações e teses sobre Grupos Escolares tratam principalmente sobre: a trajetória de um Grupo Escolar, a história de alfabetização no grupo; a implantação dos Grupos Escolares, as práticas pedagógicas; práticas e representações no cotidiano dos Grupos Escolares. A maioria dos estudos centralizou-se em um Grupo Escolar, mas duas pesquisas estudaram a implantação das instituições nos estados, como foi o caso da dissertação “A institucionalização dos Grupos Escolares maranhenses (1903-1920)”, de Diana Rocha da Silva, a qual foi selecionada para construção desta pesquisa.

As pesquisas sobre Administração Escolar abordam supervisão escolar; participação dos pais no conselho da escola; e a gestão escolar e o paradigma multidimensional da administração da educação. Selecionei a tese “Desenvolvimento e governamentalidade (neo)liberal: da administração à gestão educacional”, de Viviane Klaus, que lança um olhar genealógico sobre a Administração Educacional no Brasil, a qual se aproximava do foco deste estudo.

As investigações que apresentaram o descritor Diretor(a) fugiam às perspectivas de nossa pesquisa, tanto na temporalidade, quanto no espaço e no referencial teórico. Isso porque elas apontam para discussões atuais como eleições para diretor e gestão democrática.

O levantamento realizado junto aos periódicos *Revista Brasileira de História da Educação*, *Revista História da Educação* e *Cadernos de História da Educação* levou-me a selecionar alguns artigos pela relação com esta pesquisa. Um dos artigos selecionados analisou as operações de resistência à inspeção escolar, focalizando estratégias e táticas de uma professora primária e de um diretor de Grupo Escolar, que constroem suas identidades e lutam por espaço profissional.

Como disse, além dos periódicos da área de História da Educação, busquei ainda na área de política e administração educacional. E a revista escolhida foi a *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*. Ao utilizarmos o descritor Administração Escolar, encontramos seis artigos. Selecionamos dois artigos para leitura, pela importância na construção desta pesquisa. O primeiro apresenta um estudo sobre a teoria de Administração Escolar em Querino Ribeiro e Lourenço Filho. O segundo texto trata da trajetória da produção teórica em administração da educação veiculada pela Associação Nacional de Política e Administração da Educação (ANPAE).

Na *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*, ao utilizarmos o descritor Diretora, não encontramos artigos, mas para o descritor Diretor apareceram onze. Destes selecionamos um que discute o papel do diretor de escola, apresentando críticas e reflexões sobre sua atuação e formação.

O Estado da Arte serviu para iluminar o caminho da pesquisa, contextualizar o problema, a análise do referencial teórico e as lacunas no campo dos estudos sobre a mulher diretora (ALVES-MAZZOTTI, 2002). Além disso, cabe lembrar que o discurso histórico deve ser construído em forma de obra, cada obra se insere num ambiente já edificado (RICOEUR, 2007). Nesse sentido, reitero que a pesquisa pretendeu lançar uma contribuição no edifício sobre a participação das mulheres como diretoras de Grupos Escolares.

Cabe destacar que o primeiro trabalho encontrado sobre direção de Grupos Escolares, em São Paulo, é uma tese apresentada por João Gualberto de Carvalho Meneses, em 1972, que tem por título: *Direção de Grupos Escolares – análise de atividades de diretores* (RIBEIRO, 1986). O autor da tese apresenta sua concepção de Grupo Escolar, a importância do estudo e a quantidade de instituições naquele período. Para ele, Grupo Escolar é a escola primária que reúne seis ou mais classes, isto é, o agrupamento de escolas. No entanto, muito mais que a simples reunião de escolas, é uma instituição bastante complexa na qual ocorre o fenômeno da divisão do trabalho e especialização de funções. Assim sendo, apresenta um quadro de pessoal diferenciado e estruturado em níveis hierárquicos, inter-relacionado segundo o princípio de autoridade, o que faz supor a existência de chefes e subordinados. Nesse quadro, a função de direção, o cargo e a pessoa do diretor assumem especial interesse do ponto de vista do educador e do administrador. Ele acrescenta que em 1970, em São Paulo, havia 2.201 Grupos Escolares (MENESES, 1972).

Mas, ao olhar a preponderância de trabalhos sobre o diretor como sujeito central no processo de administração escolar, conclui que as diretoras e suas práticas são sombras tênues no palco da política e da história da educação. Para que esse silenciamento não se perpetue, ousei investigar as contribuições das diretoras para a organização dos Grupos Escolares no Maranhão.

Outro desafio enfrentado nesta pesquisa foi o trabalho teórico-metodológico

com a História Oral. Como indicado anteriormente, a opção pela metodologia ocorreu em virtude do tema da investigação. Sendo assim, na próxima seção, discorrerei sobre como se deu o trajeto, com ênfase nas entrevistas.

3. AS VOZES DE DIRETORAS DE GRUPOS ESCOLARES

O Estado da Arte evidenciou uma lacuna na historiografia maranhense sobre o trabalho de diretoras de Grupos Escolares. Tais instituições ocuparam um espaço político de suma importância em solo maranhense, tanto que sua localização no interior era na praça principal, ao lado de outros símbolos de poder, como a prefeitura e o fórum. Porém, como adverte Motta (2006), infelizmente, professores, pais e grande parte dos estudiosos da educação prestaram pouca atenção a essa representação. Feitas essas considerações, relato como se deu a inserção no campo empírico, a seleção dos municípios, a escolha dos sujeitos e a realização das entrevistas.

Meu interesse inicial era investigar o trabalho das diretoras dos Grupos Escolares dos municípios de Itapecuru Mirim, Presidente Vargas, Vargem Grande e Nina Rodrigues, pois minhas raízes geracionais estão nesses municípios. Como diz Bourdieu (2005), qualquer intelectual poderá rastrear fatos importantes da própria experiência, nos quais pôde ajuizar esse trânsito entre vivência e percepções inteligíveis de nexos causais até então despercebidos.

Sendo assim, em julho de 2015, comecei a procurar em São Luís pessoas que trabalharam como professora e diretora naqueles municípios. Minha mãe, Maria Aparecida Rodrigues Cardoso, que trabalhou como zeladora em escolas estaduais na cidade de Presidente Vargas, indicou-me os nomes das diretoras de Grupos Escolares nessa cidade. Fui aos municípios, conversei com a primeira diretora do Grupo Escolar Santa Luzia, professora Maria do Socorro Leite Sampaio, residente no município. Falei sobre a pesquisa e combinamos que retornaria no início de 2016 para realização da entrevista. A outra diretora do Grupo Escolar, professora Maria do Nascimento Abreu, reside em São Luís, fiz o mesmo procedimento e marcamos a entrevista para o início de 2016.

Em seguida, estive em Vargem Grande, na escola onde funcionou o Grupo Escolar

Santos Dumont, conversei com a atual diretora, que indicou os nomes de algumas diretoras que trabalharam ali, são elas: Maria Eulina Portela Guimarães, Neide Braga, Maria do Socorro Machado, Maria da Paz, Maria Bernadete. Porém, a diretora atual não soube informar qual dessas foi diretora no Grupo Escolar e a Escola não tem documentos com essa informação. Ela acrescentou que deveríamos procurar uma das ex-diretoras, a professora Maria Eulina Portela. Esta, por sua vez, me disse que sua gestão na escola ocorreu no período de 1990 a 2000, acrescentou que as diretoras do Grupo Escolar, as professoras Neide Braga e Maria do Socorro Machado já são falecidas, quanto às outras, não soube informar. Concluí pela inviabilidade da pesquisa em Vargem Grande.

Fui até Itapecuru Mirim para localizar as ex-diretoras do Grupo Escolar Gomes de Sousa. Informaram-me que, em 2012, o governo do Estado do Maranhão e a prefeitura desse município assinaram um termo de cooperação técnica e financeira com vistas à municipalização do Ensino Fundamental, devido a isso a Unidade Escolar Gomes de Sousa, outrora Grupo Escolar, passou a nomear-se Unidade Integrada Manfredo Viana. Nesse dia, não consegui na Escola informações sobre as diretoras dos Grupos Escolares.

Depois dos contatos iniciais, retornei ao Rio Grande do Sul para cursar as disciplinas do doutorado. Ao retornar ao Maranhão, no início de 2016, realizei as primeiras entrevistas com diretoras do Grupo Escolar Santa Luzia. A primeira delas ocorreu em 26 de fevereiro de 2016, na residência da professora Maria do Socorro Leite Sampaio, na cidade de Presidente Vargas, em uma tarde calorenta e chuvosa. A entrevista durou 2 horas, com uma interrupção, pois, ao ser questionada sobre sua contribuição para a educação do município, a professora Socorro emocionou-se ao revisitar suas lembranças. Isso me remete ao que diz Bosi (1994): ao lembrar o passado a pessoa não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias dos sonhos, ela está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida.

A segunda entrevista foi concedida pela professora Maria do Nascimento Abreu, no dia 5 de março de 2016, a entrevista durou 1 hora, não houve interrupções. Após as entrevistas, continuamos a conversa ainda sobre o trabalho das diretoras do Grupo Escolar, afinal o término da entrevista não significa o esgotamento do assunto. A esse respeito, retomo o pensamento de Bosi (1994, p. 39):

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afluíam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito.

Após as duas primeiras entrevistas, voltei a Itapecuru Mirim, em que, por meio de uma amiga, cheguei até a professora Sílvia Santana, ex-gestora do Centro de Ensino Gomes de Sousa, a partir do ano de 1995. Ela me disse os nomes das diretoras que atuaram na Instituição desde a criação do Grupo Escolar até se tornar Centro de Ensino, foram elas: Maria das Dores Tavares, Maria da Costa Rodrigues Lima, Antonieta, Teotônia Santos Ewerton, Anozilda Fonseca, Eliete Monteiro Lima, Maria do Rosário Amorim, Terezinha Soares Mamede, Zilda Mendes Vieira, Antônia Sampaio Silva, Maria das Dores Cardoso, Antônio de Pádua Bezerra, Sílvia Santana. Soube que a professora Anozilda dos Santos Fonseca residia em São Luís, e uma amiga marcou a entrevista por duas vezes, mas foram desmarcadas, em decorrência do frágil estado de saúde da professora, que já estava com 100 anos.

Busquei novos contatos e, por telefone, após várias tentativas, consegui realizar, no dia 16 de agosto de 2016, a primeira entrevista com a diretora do Grupo Escolar Gomes de Sousa, a professora Eliete Monteiro. A entrevista ocorreu em sua residência, em São Luís, e durou 1 hora.

Com respeito à cidade de Nina Rodrigues, estive naquele município em 4 de março de 2016, e a única diretora localizada do Grupo Escolar Gonçalves Dias residia em São Luís, fui ao seu encontro, expliquei sobre a pesquisa, porém ela não aceitou participar.

Às vezes, esse tipo de situação pode nos desencorajar, no entanto, sei que toda pesquisa envolve um grau de dificuldades, como diz Bourdieu (2006, p. 18), “[...] nada é mais universal e universalizável do que as dificuldades”. Partindo dessa premissa, fui a outros municípios em busca de informações sobre diretoras. Estive em Timbiras, pois nessa cidade funcionou o Grupo Escolar Maranhão Sobrinho. Disseram-me que uma das diretoras do Grupo, a professora Maria da Graça Silva Sousa, residia em frente à Instituição. Fui até sua casa, no dia 5 de março de 2016, expliquei-lhe sobre a pesquisa e marcamos a entrevista para o dia seguinte. A entrevista ocorreu na manhã seguinte,

em sua residência, a professora estava acompanhada de seu esposo e filha, esta nos mostrou alguns documentos pessoais da professora, como o termo de posse. A entrevista durou 1 hora, a diretora falou, com alegria, sobre sua experiência no Grupo Escolar, sua formação escolar e profissional.

Ao realizar as entrevistas, deparei-me com diversos sentimentos expressos pelas diretoras. Nesse sentido, reporto-me a Santo Agostinho quando ele exalta a força da memória. Ele explica que, ao recordar as emoções – desejo, alegria, medo e tristeza –, não se perturbava com nenhuma delas e que “[...] talvez a lembrança tira da memória essas emoções como o ato de ruminar tira do estômago os alimentos.” (AGOSTINHO, 2002, p. 224).

O levantamento continuou e os procedimentos de busca realizaram-se em conversas com pessoas da família, colegas de trabalho, do GEMGe, na igreja, enfim, em todos os lugares onde tive oportunidade de conversar sobre a pesquisa. E assim encontrei pistas, vestígios, caminhos da pesquisa. E nessa busca, visitei a cidade de Presidente Juscelino, no dia 18 de março de 2016, onde funcionou o Grupo Escolar Senador Vitorino Freire. Estive na Escola, fui recebida pela diretora, que me disse o nome da primeira diretora, a professora Eleodória Jacinta Catanhêde.

Ela reside em São Luís, mas sua irmã mora em uma cidade próxima à Presidente Juscelino, no município de Axixá. Fui até lá e tivemos a grande surpresa de encontrar com a professora Eleodória na casa de sua irmã. Expliquei o motivo da pesquisa e marcamos a entrevista para o dia seguinte. Porém, o encontro não se efetivou, em virtude de um pequeno acidente ocorrido na estrada, e logo no mês seguinte retornei ao Rio Grande do Sul. Mas havia deixado o roteiro de entrevista com a professora. Ela respondeu aos questionamentos e, no mês de maio de 2016, retornei a Axixá, quando tive a oportunidade de continuar a entrevista.

Também me informaram sobre diretoras que atuaram em Vitória do Mearim, no Grupo Escolar Estado do Espírito Santo e em Icatu no Grupo Escolar Imaculada Conceição, uma das diretoras, a do primeiro Grupo, a princípio aceitou participar, mas por motivo de doença declinou do convite. Uma das diretoras do segundo Grupo não pôde me atender e após contatos telefônicos com um parente, a resposta foi negativa.

Não defini a quantidade de entrevistadas, pois, segundo Meihy (2005), na História Oral cada depoimento tem peso autônomo, ainda que se explique cultural e socialmente. Depois de visitar algumas cidades do interior e das dificuldades de localizar os sujeitos, decidi buscar diretoras que trabalharam em São Luís. Em conversa com uma amiga, ela me falou de sua tia que foi diretora no Grupo Escolar Sousândrade, em São Luís. Estive na residência da ex-diretora, porém sua cunhada me disse que a ex-diretora foi diagnosticada com Alzheimer²³, por isso, não obtivemos seu testemunho. Mas sua cunhada me deu outro contato que me levou até a próxima entrevistada. A respeito do testemunho, Ricoeur (2007) explica que ele constitui a estrutura fundamental de transição entre memória e a história.

A entrevista foi realizada no dia 31 de outubro de 2016, em São Luís, na residência da professora Eladir Lourdes Ferreira Pereira, ex-diretora do Grupo Escolar Sotero dos Reis, em São Luís, com pequenas interrupções, a entrevista durou quatro horas.

Após cinco meses em busca de novos contatos para localizar diretoras, por intermédio de uma amiga, consegui entrevistar a professora Maria das Graças da Silva Januário, ex-diretora do Grupo Escolar Estado do Mato Grosso, em São Luís. Depois de duas conversas, por telefone, estive em sua residência na tarde do dia 16 de abril de 2017. Cabe registrar, para efetivação do encontro, ela precisou reorganizar a agenda de cuidados destinados à sua mãe, que estava com 101 anos.

Isso posto, iniciamos a entrevista às 17 horas, com término às 19h55min. Após as explicações sobre os procedimentos para a entrevista, a retomada da importância da pesquisa, a professora iniciou sua fala evidenciando sua insatisfação com os últimos acontecimentos no cenário político brasileiro. Logo de início me chamou a atenção sua expressão facial, depois de ter realizado cinco entrevistas, eu observava com mais atenção os gestos emitidos durante as conversas. Nesse sentido, reporto-me a Márquez (2003), para quem os gravadores são indispensáveis para recordar, porém não se deve descuidar do rosto do entrevistado, que pode nos falar mais que sua voz.

O contato para realização da oitava entrevista foi obtido pelo meu esposo, Kalib Machado de Carvalho, em uma escola da rede estadual de São Luís, onde trabalha como

²³ A Associação Brasileira de Alzheimer (2017) explica que a doença se apresenta com perda das funções cognitivas: memória, atenção, orientação e linguagem.

professor, ele conversou com colegas e um deles se disponibilizou em me ajudar. Foi assim que entrei em contato, por telefone, com a professora Ivone Campos Matos, ex-diretora do Grupo Escolar Imaculada Conceição, na cidade de Icatu. A entrevista aconteceu na casa dela, no dia 31 de maio de 2017, com início às 9h30min e término às 11h.

No mês seguinte, precisei viajar para a cidade de Paulino Neves. Chegando lá, decidi saber onde funcionou o Grupo Escolar da cidade, que, à época da temporalidade da pesquisa 1960-1970, se chamava Rio Novo e pertencia ao município de Tutoia. Antes, porém, estive na Secretaria de Educação daquele município, onde me deram informações sobre o Grupo e indicaram-me a residência de sua primeira diretora. Estive no domicílio da professora Maria das Graças Costa Diniz, no dia 2 de junho de 2017, pela manhã. Expliquei-lhe as razões da visita, o tema e os objetivos da pesquisa, e sem relutância, ela me concedeu a entrevista no mesmo dia à tarde, com início às 15h45min e término às 16h55min.

Ao longo dos dois anos e meio da pesquisa, desenhei algumas trilhas entre o Maranhão e o Rio Grande do Sul. No Maranhão, os itinerários iniciavam da Capital para o interior, o retorno para São Luís e de São Luís para o Rio Grande do Sul. As viagens possibilitaram descobertas, desafios, aprendizagens e novos olhares sobre lugares desconhecidos e familiares.

O destaque para as viagens tem relação com as vivências das diretoras, que também tiveram que se deslocar à procura de emprego, a maioria delas deixou a capital para trabalhar em cidades do interior maranhense, nas quais, diferentemente dos dias atuais, o deslocamento entre os lugares era muito demorado, por falta de infraestrutura, sobretudo das estradas e das condições de transporte. Nos parágrafos anteriores, a narrativa delimitou o meu percurso; agora mostro no mapa, Figura 1, o meu percurso em solo maranhense.

O roteiro de viagem da pesquisa de campo começa em São Luís, em julho de 2015, em direção a Presidente Vargas e depois retorno a São Luís. Segunda viagem: saio da Capital para Itapecuru Mirim e retorno a São Luís. Terceira viagem: vou a Presidente Vargas e retorno à Capital. Quarta viagem: vou a Itapecuru Mirim e retorno a São Luís. Quinta viagem: sigo para Nina Rodrigues e retorno a São Luís. Sexta viagem: vou a

Timbiras e retorno à Capital. Sétima viagem: sigo para Presidente Juscelino, passo por Axixá e retorno a São Luís. Oitava viagem: vou a Icatu e retorno à Capital. Nona viagem: sigo para Paulino Neves e retorno a São Luís, em 3 de junho de 2017.

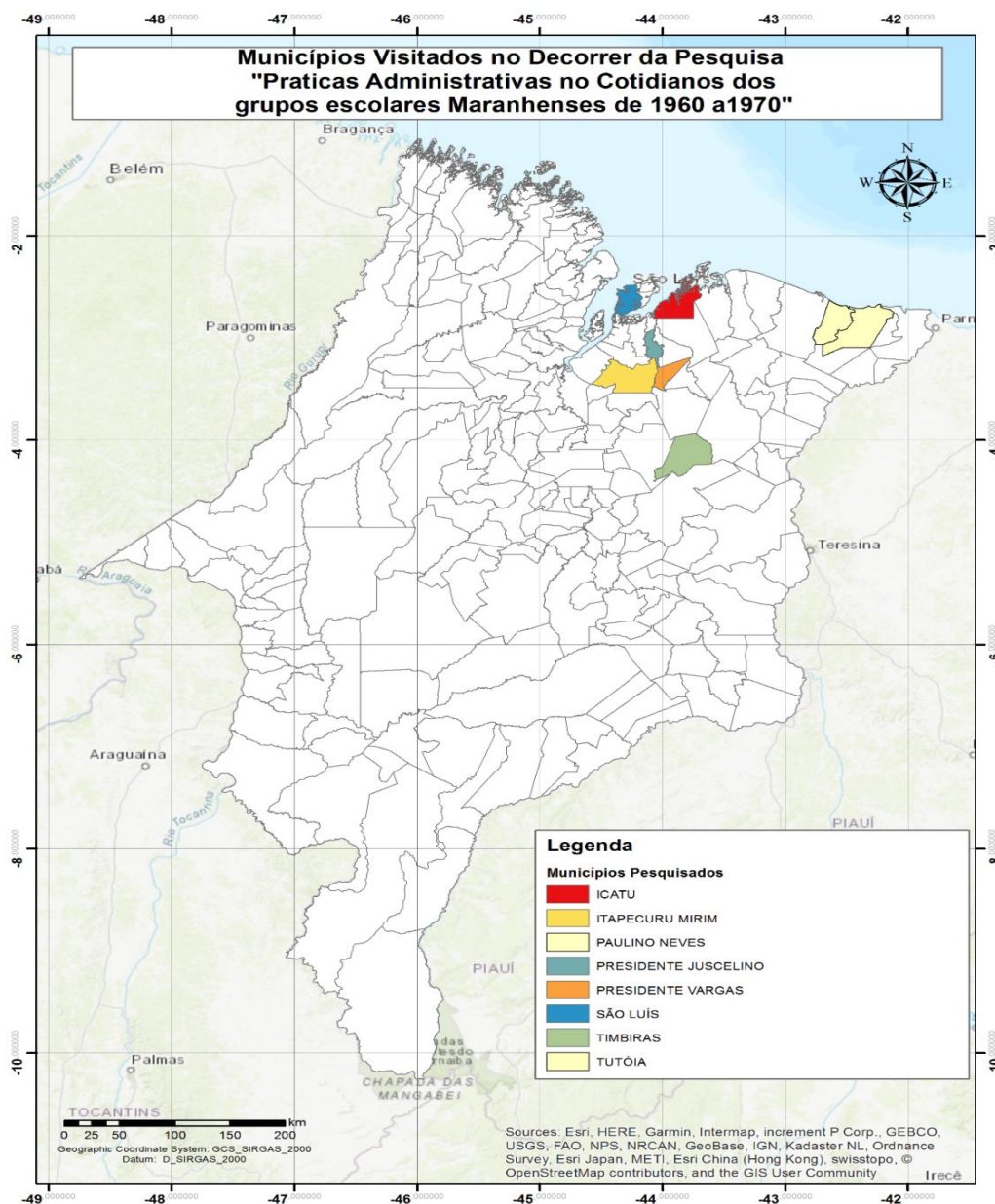


Figura 1. Municípios visitados durante a pesquisa. Fonte: adaptado de IMESC (2018).

Em face desse itinerário, mesmo que apresente marcas de dificuldades, inerentes a todo processo de pesquisa, considero-me exitosa, uma vez que o processo de realizar nove entrevistas em dois anos e convencer mulheres a falarem sobre si foi o maior desafio. Mas utilizei como argumento principal a exiguidade nos estudos sobre as

mulheres professoras. Não obstante, preciso retomar os questionamentos de Perrot (2005, p. 26) e de outros historiadores(as) sobre a história das mulheres: “Mulheres, quem somos nós? De onde viemos? Para onde vamos? Qual foi o nosso caminho neste mundo? Vocês nos ouvem?”. As diretoras de Grupos Escolares sabem o trajeto percorrido, e nós o que sabemos sobre elas e sobre o que fizeram?

Além das entrevistas, levantei documentos das escolas que mostram um pouco sobre o funcionamento dos Grupos Escolares. Porém, nem todas dispõem de documentos do período estudado. Outra etapa da pesquisa consistiu em buscar documentos no Arquivo Público do Estado do Maranhão (APEM), o objetivo foi encontrar dados sobre as ações governamentais para os Grupos Escolares. Para isso, recorri aos dispositivos legais, como leis, decretos, mensagens dos governadores. E, após a qualificação, correspondências de professoras e diretoras para os órgãos oficiais.

Esse procedimento de buscar em diferentes fontes para entender as práticas administrativas nos Grupos Escolares respalda-se em Magalhães (2004), quando ele assegura que a história das instituições educativas acontece por aproximação e distanciamento do objeto e toma por referência as memórias, o arquivo, a historiografia, visando a uma narrativa coerente que confira uma identidade histórica articulando materialidade, representação, apropriação.

Sendo assim, realizei nove entrevistas com diretoras que trabalharam nos municípios de Itapecuru Mirim, Presidente Vargas, Presidente Juscelino, Timbiras, São Luís, Icatu e Tutoia, deles apenas Timbiras integra a Mesorregião Leste Maranhense, os demais compõem o Norte. Os Grupos Escolares são Gomes de Sousa, Santa Luzia, Senador Vitorino Freire, Maranhão Sobrinho, Sotero dos Reis, Estado do Mato Grosso, Imaculada Conceição e Alfredo Dualibe. Elas consentiram em divulgar seus nomes, conforme consta nos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido.

Cabe registrar que, para organizar a narrativa, procurei apoio nas recomendações de Benjamin (2012) quando afirma que o dom do narrador é poder contar sua vida; o cronista que narra os acontecimentos não distingue entre os grandes e pequenos, mas leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história; articular historicamente o passado não significa conhecê-lo tal como ele foi, mas apropriar-se de uma recordação. Por fim, a narrativa buscou

responder, parcialmente, ao questionamento de Benjamin (2012, p. 2), ao nos indagar “Não existem, nas vozes a que agora damos ouvidos, ecos de vozes que emudeceram?”. Diante disso, os elementos principais articuladores da narrativa foram: representações sobre as práticas administrativas.

Para a realização das entrevistas, procurei seguir as recomendações de Thompson (1992), quando ele diz que o(a) historiador(a) deve vir para entrevista para aprender, sentar-se ao pé do outro, estando disposto a aprender com os mais velhos, que viveram experiências as quais desconhecemos. Cabe ressaltar Bourdieu (1997, p. 704) em relação ao que ele diz sobre a entrevista. Depois de anos de prática de pesquisa, ele explicou, sob o risco de chocar os metodólogos rigoristas, que a entrevista pode ser compreendida como uma forma de “[...] exercício espiritual, visando a obter pelo esquecimento de si, uma verdadeira conversão do olhar que lançamos sobre os outros nas circunstâncias comuns da vida”. Há disposição acolhedora que inclina fazer seus os problemas do pesquisado, aptidão a aceitá-lo e a compreendê-lo tal como ele é. Além disso, devemos reconhecer a entrevista como forma de discurso e testemunho.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para realizar a pesquisa “Memórias de diretoras: práticas administrativas no cotidiano dos Grupos Escolares do Maranhão (1960-1970)”, deparei-me com desafios que possibilitaram ampliar minha formação acadêmica e profissional. Ao ingressar no Curso de Doutorado em Educação, não imaginava os caminhos que teria de percorrer para realizar uma investigação que pusesse em evidência as práticas administrativas das diretoras.

Hoje, decorrido tempo da conclusão do curso, vejo que valeu a pena a empreitada, pois, desde o momento em que realizei o Estado da Arte, percebi que havia uma lacuna nos estudos sobre as mulheres diretoras, não somente em âmbito regional, mas também no cenário nacional. Pensando assim, acredito que a investigação lançou luz sobre o papel das mulheres no âmbito da administração escolar. Desse modo, reitero a importância do levantamento da produção científica para situar a pesquisa no âmbito dos trabalhos científicos brasileiros.

Busquei mostrar, neste texto, reflexões sobre a realização das entrevistas, outro caminho que também foi construído. A grande questão tensionada seria onde localizar as diretoras, sendo assim, teci uma rede de relações que envolveram os contatos familiares, grupos de pesquisa, a fim de construir pistas. Considero que esse processo foi o mais desafiador, porque eu não possuía muitos conhecimentos sobre as pessoas entrevistadas, nem sempre teríamos outros encontros para que fosse possível construir uma relação de proximidade, elemento que facilitaria ainda mais o desdobramento das entrevistas. Mas pesquisar é ousar e saber lidar com as impossibilidades, as lacunas e celebrar com cada achado.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. “A revisão da bibliografia” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis – o retorno. *In*: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. Florianópolis: Editora da UFSC, São Paulo: Cortez, 2002. p.

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. Apresentação. *In*: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. vii – xxv.

ARAÚJO, Marta Maria de. A produção em história da educação das Regiões Nordeste e Norte o estado do conhecimento (1982-2003). *In*: GONDRA, José Gonçalves (org.). **Pesquisa em história da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 289-312.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ALZHEIMER. **O que é Alzheimer**. 2017. Disponível em: <http://abraz.org.br/web/sobre-alzheimer/o-que-e-alzheimer/>. Acesso em: 24 jul. 2017.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas, v.1. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. Compreender. *In*: BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 693-734.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de Auto-análise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CASTRO, César Augusto; CASTELLANOS, Samuel Luis Velázquez. Educação e instrução nas

Províncias do Maranhão e Piauí. In: GONDRA, José Gonçalves; SCHNEIDER, Omar (orgs.). **Educação e instrução nas províncias e na corte imperial**. Vitória: EDUFES, 2011. p. 49-78.

IMESC. Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos. **Maranhão em mapas**. 2018. Disponível em: <http://imesc.ma.gov.br/maranhaoemmapas/Home>. Acesso em: 08 out. 2018.

MACHADO, Raimunda Nonata da Silva. **Gênero e raça na educação a distância: há outras epistemologias na prática educativa de formação docente?** (Tese de Doutorado em Educação). Teresina: UFMA, 2015.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo nexos: história das instituições educativas**. Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2004.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Viver para contar**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MENESES, João Gualberto de Carvalho. **Direção de grupos escolares** – análise de atividades de diretores. São Paulo: Centro Regional de Pesquisas Educacionais, 1972.

MOTTA, Diomar das Graças. A emergência dos grupos escolares no Maranhão. In: VIDAL, Diana Gonçalves (org.). **Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil**. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 141-152.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005.

RIBEIRO, José Querino. **Ensaio de uma teoria da administração escolar**. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 1986.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Autora

Maria das Dores Frazão

Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).